

AVALIAÇÃO DE VITIMIZAÇÃO E REVITIMIZAÇÃO EM ADOLESCENTES DE ANÁPOLIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE MENTAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

EVALUATION OF VICTIMIZATION AND REVICTIMIZATION IN ADOLESCENTS OF ANNAPOLIS AND ITS CONSEQUENCES FOR MENTAL HEALTH: SYSTEMATIC REVIEW

JESSYCA THAYS FREIRES DOS SANTOS¹

MARGARETH REGINA GOMES VERÍSSIMO DE FARIA²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão sistemática sobre violência, vitimização e revitimização de adolescentes. Foi realizada no dia 25 de setembro de 2017, uma pesquisa nas bases de dados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na Biblioteca Digital brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Depois de analisados os resumos, pelos critérios de exclusão e inclusão, restaram 12 trabalhos, dos quais muitos tratavam da violência, em seus diversos tipos, inclusive, no âmbito familiar. Por mais que cada tese ou artigo trabalhasse uma forma de violência diferente, é possível chegar à conclusão de que crianças e adolescentes ao terem contato com a violência, vivenciando ou testemunhando, aumentam as chances de serem revitimizados, visto que a violência leva à violência. Sofrer violência os deixam vulnerabilizados para violências posteriores. Evidenciou-se também os danos à saúde mental de vítimas de violência sexual, visto que desencadeia aspectos psicopatológicos. A revisão deixou clara a falta de trabalhos e pesquisas demonstrando esta relação entre violência e suas consequências para a saúde e para a vulnerabilidade a novas situações de violência. Dessa forma, é de extrema importância que se estude a violência, a vitimização e a revitimização de crianças e adolescentes, que se compreenda esse fenômeno, a fim de fornecer subsídios para elaboração de projetos de intervenção e combate à violência contra crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Violência. Vitimização. Revitimização. Adolescentes. Revisão Sistemática.

ABSTRACT

This study aimed to carry out a systematic review on violence, victimization and revictimization of adolescents. A survey on the databases in the Virtual Health Library (VHL) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) was carried out on September 25, 2017. After the abstracts were analyzed, exclusion and inclusion criteria included 12 papers, many of which dealt with violence in its various types, including within the family. Although each thesis or article works a different form of violence, it is possible to reach the conclusion that children and adolescents in contact with violence, living or witnessing, increase the chances of being revictimized, since violence leads to violence. Suffering from violence leaves them vulnerable to further violence. There was also evidence of damage to the mental health of victims of sexual violence, since it triggers psychopathological aspects. The review made clear the lack of research and studies demonstrating this relationship between violence and its consequences for health and vulnerability to new situations of violence. In this way, it is extremely important to study violence, victimization and revictimization of children and adolescents, to understand this phenomenon, in order to provide subsidies for the elaboration of intervention projects and the fight against violence against children and adolescents.

Keywords: Violence. Victimization. Revictimization. Adolescent. Systematic Review.

¹Estudante de Direito da Faculdade Raízes. Anápolis, Goiás, Brasil. Bolsista PBIC Raízes/UniEVANGÉLICA. E-mail: jessyca.freire@outlook.com

²Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Go). Professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Go) e no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA. Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: margarethverissimo@gmail.com

1. RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Embora exista toda uma legislação específica para a proteção de crianças e adolescentes como o Estatuto da criança e do adolescente – ECA, o número de violência contra esse grupo tem aumentado nos últimos tempos e tem sido preocupação mundial demonstrada pelos dados apresentados pela UNICEF através de dados de 2015 enviados a Organização Mundial da Saúde (OMS), em que na comparação internacional com mais de 100 países, o Brasil encontra-se na 5ª posição, comprovando a gravidade da situação (UNICEF, 2017).

A violência contra adolescentes no Brasil é motivo de preocupação devido ao grande número de vitimizações que ocorrem nessa fase, os casos de mortes por fatores externos aumentaram 33,9% (Mapa da violência, 2015). Ademais, alguns dados do Ministério da Saúde e trabalhos de pesquisas vêm alertando sobre a repetição de violência do mesmo tipo e de outros tipos neste grupo. No âmbito da psicologia e direito dá-se o nome de Vitimização quando se é vivido situações violentas. As repetidas situações de violência vivenciadas por um mesmo indivíduo denomina-se revitimização ou polivitimização, quando se trata da vivência de violências de diferentes tipos (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007, p.479-502).

No Brasil, o termo revitimização ou violência secundária, é muito utilizado no âmbito do direito para referir-se ao processo de inquirição das vítimas, visto que também são as únicas testemunhas. Acontece no momento de ouvir as vítimas em vários momentos na tentativa de obter provas para incriminação do agressor. Dessa forma, a vítima revive a violência sofrida a cada vez que precisa relatar a situação. (Roque e colaboradores, 2014, p.806-807).

De acordo com o Mapa da violência (2015), embora a taxa de mortalidade tenha caído fortemente em função dos avanços na qualidade de vida, as mortes por causas externas só crescem, e embora lentamente, de forma contínua. Em 1980 eram 16.457 mortes passando para 22.041 em 2013, o que representa um aumento de 33,9% nas mortes por causas externas. Dados confirmam uma tendência de vitimização homicida na faixa de 16 e 17 anos e quase metade é por homicídio. Dados também confirmam que a maioria das vítimas são negras.

A violência, a vitimização e a revitimização podem ter impactos drásticos na vida de crianças e adolescentes. Quando se tem o contato com a violência, vivenciando ou presenciando, há uma tendência de reprodução de relacionamentos violentos. A violência vulnerabiliza as vítimas para violências posteriores, ademais, podem desencadear aspectos psicopatológicos na saúde mental (FARIA, 2015, p.50-51).

A medida que a violência leva à violência, a vítima vai sendo revitimizada ou mesmo, polivitimizada. Além disso, e impactos a saúde física e mental não sendo desencadeados, nos deparamos com um futuro de jovens e adultos com grandes prejuízos psíquicos e sociais, e muitas vezes até mesmo tomados por comportamentos violentos, ignorando a legislação que outrora tentava os proteger, colaborando assim para o aumento no índice de criminalidade (De Faria & Zanini, 2015, p. 1249-1254).

O estudo sobre a violência, a vitimização e a revitimização é importante para a construção de intervenções e políticas públicas de prevenção. Como dito anteriormente, a violência provoca danos à saúde física e mental. Martinho em análise de trabalhos com essa mesma temática abordou aspectos psicopatológicos da violência contra adolescentes e trouxe a definição de saúde mental dada pela Organização Mundial de Saúde “um estado de bem estar em que os indivíduos reconhecem suas habilidades, são capazes de lidar com as tensões normais da vida, trabalham de forma produtiva e contribuem para a sociedade”. Os resultados de sua pesquisa demonstraram que as vítimas de violências podem desencadear síndromes psicopatológicas consideradas externalizantes, ou seja, manifestações de comportamentos delinquentes e agressivos que podem se voltar contra o ambiente em decorrência do trauma (Martinho, 2016). Isso explicaria parte do alto índice de criminalidade em que vivemos.

O abuso de drogas, a gravidez precoce, fracasso escolar, delinquência, suicídio, agressões contra pessoas do seu convívio diário, depressão e prostituição são algumas das consequências para a saúde mental de crianças e adolescentes que sofrem violência intrafamiliar, apontadas no resultado de pesquisa (Lugarinho, 2015, p.19).

Já se tratando de violência sexual, (Martins, 2005, p.33) aponta principalmente a dificuldade de aprendizado, a dificuldade nas relações afetivas, tendências suicidas e prostituição como consequências para a saúde mental das vítimas. Portanto, controle, intervenção e prevenção da violência poderia gerar uma população de jovens e adultos mais saudáveis futuramente, tornando pessoas produtivas e com maior qualidade de vida que resulta em um ciclo virtuoso de saúde para futuras gerações, e provavelmente uma possível queda no índice de criminalidade.

Diante disso, tornam-se relevantes os estudos sobre violência contra crianças e adolescentes na busca de compreensão do porquê, apesar de haver uma legislação, na prática os direitos são violados e as situações violentas aumentam. Estes resultados podem contribuir para os profissionais do direito e da psicologia atuarem no sentido de combater a violência, diminuir o dano a este grupo e prevenir o aumento no índice de criminalidade.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo a realização de uma revisão sistemática para a compreensão de como o tema tem sido apresentado à comunidade científica nos últimos anos. Diante do exposto, este artigo teve como objetivos:

1. Avaliar os tipos mais frequentes de vitimizações sofridas;
2. Descrever a relação entre vitimização e adoecimento mental.

2. MÉTODO

Foi realizada no dia 25 de setembro de 2017, uma pesquisa nas bases de dados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na Biblioteca Digital brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A Busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) inicialmente foi realizada com os descritores Vitimização e Adolescentes, e os filtros: Artigos disponíveis, violência, vítimas e adolescentes. Posteriormente, a busca foi feita com os descritores Revitimização e Adolescentes.

No banco de Teses e Dissertações, a busca foi feita utilizando-se o descritor Revitimização de adolescentes em Goiás. A pesquisa foi filtrada por trabalhos que fossem na área de psicologia e direito, publicados nos anos de 2015 e 2016, e por Universidades que tinham mestrado e doutorado em Psicologia.

Os resumos desses estudos foram analisados segundo critérios de inclusão e exclusão. Como critérios de inclusão foram estabelecidos estudos com adolescentes; que incluam no título as palavras: Adolescente, Vitimização, Revitimização e Violência. Como critérios de exclusão: Violência de gênero, estudos com adolescentes em contextos específicos ou outras culturas. Em seguida, foi feita a leitura total dos trabalhos que atenderam os critérios de inclusão.

3. RESULTADOS

Utilizando os descritores “violência”, “Vitimização”, “Adolescentes”, foram encontrados 74 estudos, porém 62 foram excluídos, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restando 12. Ao analisar títulos e resumos, restaram 5 estudos de 12 referentes a primeira busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e 1 estudo de 2 referentes a segunda busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Das 60 teses e dissertações da Biblioteca

Digital brasileira de Teses e Dissertações (BDTS), apenas 6 estudos atenderam os critérios de inclusão.

Tabela 1. Pesquisa na Base de Dados

Bases	Total de Registros	Excluídos	Incluídos
BVS	14	8	6
BDTD	60	54	6
TOTAL	74	62	12

Em relação aos artigos da primeira busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) (Tabela 1), o artigo de Lugarinho (2015) trata de um estudo sobre a associação entre a vitimização da violência física familiar e o nível de cortisol em adolescentes estudantes de uma escola no Rio de Janeiro. O artigo de Roque, Carlos, Silva, Ferriani e Gomes (2014), é uma pesquisa realizada junto aos juízes de direito sobre a inquirição de crianças e adolescentes, vítimas de violência sexual no sistema de justiça. O artigo de Carvalho (2010) se trata de violência doméstica contra crianças e adolescentes no Brasil. O artigo de Martins (2005) é um estudo sobre violência doméstica e a compreensão do contexto familiar. E por último, o artigo de Ribeiro, Ferriani & Reis, (2004) se trata de violência sexual dentro da família.

A segunda busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que resultou em um único artigo pelo critério de inclusão reflete sobre a atuação dos profissionais diante de situações de violação de direitos de crianças e adolescentes, escrito por Caravieri e Avoglia (2016).

No Banco de Teses e Dissertações (Tabela 2), a dissertação de Herênio (2016) diz respeito a aspectos relacionados à taxa de suicídio entre adolescentes. Outro trabalho aborda a violência sexual contra adolescentes e como isso vulnerabiliza os mesmos para violências posteriores afetando a saúde mental (Martinho, 2016). A tese de Faria (2015) trata de vitimização e revitimização de adolescentes, violência e saúde mental. Outra dissertação aborda a violência contra adolescentes goianos e como é o enfrentamento por esses (Mohn, 2016). O artigo de Schuster (2015) tenta compreender os sentidos sobre violência contra crianças e adolescentes atribuídas por psicólogas que trabalham na secretaria municipal de saúde de Goiânia. E por fim, um estudo sobre violência em uma escola de Goiânia em que foram analisados comportamentos considerados indisciplinados por parte dos alunos, como por exemplo, a prática de bullying e agressão física, feito por Cerqueira (2016).

Tabela 2. Autores e Títulos

Autor	Título
LUGARINHO, L.P. (2015)	Violência familiar e estresse: um estudo sobre cortisol em adolescentes escolares em um município do estado do Rio de Janeiro.
ROQUE, E.M.S.T., CARLOS, D.M., SILVA, L.M.P., FERRIANI, M.G.C. e GOMES, R. (2014)	Sistema de justiça e a vitimização de crianças e adolescentes acometidas de violência sexual intrafamiliar.
CARVALHO, H. (2010)	Violência doméstica contra crianças e adolescentes na região metropolitana de Fortaleza.
MARTINS, C.S. (2005)	A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes.
RIBEIRO, M.A; FERRIANI, M.G.C; REIS, J.N (2004)	Violência sexual contra crianças e adolescentes: Características relativas à vitimização nas relações familiares.
CERQUEIRA, F. (2016)	Avaliação funcional da violência em uma escola municipal de Goiânia.
CARAVIERI, L.M.V. e AVOGLIA, H.R.C. (2016)	A rede social e assistencial e a garantia de direitos: proteção ou (re)vitimização?
HERÊNIO, A.C.B. (2016)	Autoextermínio na adolescência: um estudo sobre ideação, tentativa e suicídio entre adolescentes da cidade de Goiânia.
MARTINHO, L.O.P. (2016)	Violência sexual contra adolescentes e sua relação com outras violências.
FARIA, M.R.G.V. (2015)	Polivitimização e Revitimização em adolescentes: avaliação e consequências para a saúde mental.
MOHN, L.N. (2016)	Percepção de violência e enfrentamento de adolescentes vitimizados.
SCHUSTER, L. (2015)	Repertórios e sentidos sobre a notificação compulsória de casos de violência contra crianças e adolescentes no município de Goiânia.

No trabalho de Martins (2005) o objetivo foi entender a compreensão de família para os membros familiares (pais e filhos) envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. Foram utilizados como métodos para a pesquisa, a coleta de dados através da entrevista aplicada aos pais e crianças vitimizadas. No total, seis famílias foram entrevistadas. Duas temáticas foram analisadas a partir das respostas dos entrevistados “Contexto familiar” e “Violência”. Como resultado dessa pesquisa, constatou-se que, a visão de família para os pais, é uma compreensão nuclear dentro de uma perspectiva que ainda permanece cultural e socialmente estabelecida pela sociedade. Para as crianças, antes de laços consanguíneos, está o vínculo de amor e afeição. Constatou-se também em relação à violência que crianças e adolescentes que vivem ou presenciam a violência doméstica, tendem a reproduzir

relacionamentos violentos em seu cotidiano. O estudo contribui para entender como deve ser a prevenção desses eventos.

O trabalho que se tratava de estudos sobre a violência doméstica contra crianças e adolescentes na Região Metropolitana de Fortaleza (Carvalho,2010). Teve como objetivo a análise das características da violência doméstica contra crianças e adolescentes atendidos no IML de Fortaleza, com intuito de contribuir para a formulação de políticas públicas de enfrentamento deste problema na população estudada, partindo de estratégias apropriadas de controle e prevenção. Utilizou-se método quantitativo para o estudo. Os participantes do trabalho foram 343 crianças e adolescentes da Região Metropolitana de Fortaleza e atendidos no IML da capital cearense, entre 1º de julho e 31 de dezembro de 2008. Utilizou-se a guia policial e o instrumento próprio do estudo para se obter os dados. Dentre as vítimas participantes do estudo, observou-se maioria do sexo feminino, sendo 235 das 343, equivalente a 68,5%, entre 10 e 14 anos. O número de vítimas que moravam com os pais foi de 166 (48,4 %), sendo 276 vítimas de famílias de renda per capita inferior a quatrocentos reais, equivalendo a 80,4 %, e, em se tratando do agressor e do notificante, o agressor foi o pai em 109 casos, e o notificante foi a mãe em 166 casos. A respeito dos tipos de violências, os principais observados foram violência física, registrada em 172 vítimas, ou seja, 50,1 %, e violência sexual, em 167 vítimas (48,7 %). No primeiro tipo, 77 vítimas eram do sexo masculino 95 eram do sexo feminino, sendo a faixa etária predominante de 10 a 14 anos para homens e 15 a 19 anos para mulheres, sendo o pai e a mãe os principais agressores. A frequência elevada de habitualidade da violência foi registrada em 137 casos, correspondendo a 79,7 %. Já no segundo tipo a maioria das vítimas era de sexo feminino (137 vítimas, 82,0 %), com predominância também de vítimas entre 10 e 14 anos. Registrou-se o pai e o padrasto como principais agressores (32,3 % e 30,0 % respectivamente). A frequência elevada de habitualidade foi percebida em 106 casos.

No estudo de Martinho (2016) aborda a violência sexual como fator que vulnerabiliza os mesmos para violências posteriores. O foco principal do trabalho foi estudar os efeitos da violência sexual para a saúde mental de adolescentes e sua relação com a revitimização. 513 adolescentes, estudantes de escolas públicas participaram desse estudo. Foi avaliado o índice de violência e de saúde mental. O resultado, foi a comprovação que a violência sexual vivida por crianças e adolescentes, desencadeia aspectos psicopatológicos na saúde mental, vulnerabilizando para violências posteriores.

O trabalho que estuda a relação entre a violência física familiar e o uso de cortisol por adolescentes no Rio de Janeiro (Lugarinho, 2015) tinha como objetivo associar a vitimização da violência física familiar e o nível de cortisol em adolescentes estudantes do município de

São Gonçalo, Rio de Janeiro. A base para o estudo foi a análise de um inquérito epidemiológico aplicado a adolescentes estudantes de São Gonçalo. Os selecionados foram alunos do 9º ano de escolas particulares e públicas, totalizando 437 adolescentes analisados (63,5 % do sexo feminino e entre 13 e 14 anos). Foram analisadas informações sobre características socioeconômicas, experiência de violência familiar e nível de cortisol livre na saliva. Para a análise de salivas, utilizou-se imunoenaios enzimáticos, tendo os resultados sido apresentados em dois artigos científicos. O primeiro artigo corresponde a uma revisão bibliográfica a respeito do tema da violência entre adolescentes e cortisol nos anos de 2000 a 2013, auferindo-se, nos resultados do primeiro artigo, uma associação entre violência e alterações no nível de cortisol em 84,7 % dos estudos analisados. Já o segundo artigo verificava a relação entre vitimização da violência física familiar com os níveis de cortisol, observando uma redução dos níveis de cortisol em adolescentes que sofreram violência severa pelo pai ao longo da vida. Observou-se também no segundo artigo que a média de níveis de cortisol nos adolescentes do sexo feminino é significativamente maior do que no sexo masculino.

O estudo de (Mohn, 2016) sobre percepção de violência e enfrentamento de adolescentes vitimizados, faz um levantamento na literatura dos últimos dez anos, das produções sobre adolescentes expostos à violência, bem como tenta compreender como esses adolescentes percebem e enfrentam a violência vivenciada. Nessa pesquisa, participaram 513 adolescentes de 4 escolas públicas de Goiânia, e os resultados mostraram que os adolescentes enfrentaram vários tipos de violência, em que a mais reiterada foi a violência interpessoal psicológica e que há uma baixa mais relevante correlação entre estratégias de coping e a natureza da violência sofrida.

Foi objeto de estudo de uma tese selecionada, a vivência e o sofrimento de violência por adolescentes em Goiânia (Faria, 2015), onde verificou-se que novas vitimizações, decorrentes da vivência de violência, podem provocar danos à saúde mental de adolescentes a curto e longo prazo. A tese foi dividida em quatro artigos. No primeiro artigo foi realizada busca em bases de dados. No segundo estudo houve participação de 504 indivíduos, entre 12 e 18 anos, estudantes de ensino fundamental e médio de quatro escolas públicas de Goiânia. Para o terceiro estudo também houve a participação dos mesmos alunos que participaram do segundo. No quarto estudo, também com metodologia participativa, foram 645 participantes nas duas etapas, sendo que 246 estiveram presentes em ambas. Os resultados dos quatro artigos contemplam a comprovação da tese defendida pelo estudo: violência leva à violência. Ou seja, a vivência de violência por adolescentes colabora para a revitimização desses adolescentes.

A avaliação funcional da violência em uma escola municipal de Goiânia (Cerqueira, 2016), obteve um total de 136 ocorrências registradas, sendo 69 consideradas violentas. A agressão física foi a prática mais presente. Com a aplicação de questionários, a violência mais apontada pelos alunos foi o bullying (68% dos participantes). 93% dos professores participantes e 67% dos funcionários citaram a agressão verbal. A avaliação funcional da violência mostra a necessidade de intervenção para mudanças no comportamento violento.

Uma dissertação encontrada tinha como proposta abordar aspectos relacionados às taxas de suicídio e identificar a incidência de pensamentos e tentativas de suicídio entre adolescentes da cidade de Goiânia (Herênio, 2016). O estudo foi dividido em três capítulos em formato de artigo. O primeiro, tratando de uma análise da literatura sobre o suicídio na adolescência, utilizou análise de nove artigos, duas teses e duas dissertações. O segundo tinha o objetivo de descrever as taxas de suicídio entre adolescentes de Goiânia entre os anos de 2003 e 2013, analisando dados sobre suicídios de pessoas de 10 a 19 anos. O terceiro capítulo avaliou a prevalência de ideação e tentativa de suicídio entre adolescentes de Goiânia em 2013. Os resultados mostraram uma relação entre ideação e tentativas de suicídio com todos os problemas de comportamento, e as taxas de tentativa de suicídio foram maiores que as taxas de ideação suicida entre adolescentes do município de Goiânia.

No estudo sobre as características relativas à vitimização nas relações familiares (Ribeiro, Ferriani, Reis, 2004) objetivou-se analisar as características relativas às vitimizações sexuais intrafamiliares, cujas denúncias foram colhidas em órgãos responsáveis. Eram casos de violência sexual documentados no CRCA e conselhos tutelares do município de Ribeirão Preto. Foi nítida a incidência maior em meninas, e na idade entre 10 e 12 anos. Dentro do círculo familiar, dos 554 casos, as 210 famílias as quais pertenciam as 226 crianças e adolescentes vitimizados, a reincidência maior foi no 1º e 2º filho. Em relação às crianças, o responsável pelo maior número de vitimização foi o pai, e em relação aos adolescentes, o padrasto.

O artigo de Caravieri e Avoglia (2016) objetivou a reflexão sobre a atuação dos profissionais diante de situações em que há violações de direitos de crianças e adolescentes e sobre sua relação com os outros serviços componentes da rede socioassistencial e o Sistema de Garantia de Direitos. Para essa reflexão, observou-se a experiência de uma organização social de assistência psicossocial e proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica em Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema, São Paulo, que é o Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância (CRAMI).

No artigo de Roque, Carlos, Ferriani e Gomes (2014) o tema abordado foi sobre sistemas de justiça e a vitimização secundária de crianças e adolescentes vítimas de violência

sexual na família, com objetivo de apontar resultados de questões feitas juntamente a juízes de direito sobre crianças e adolescentes, vítimas de violência sexual, no sistema de justiça. Utilizou-se método qualitativo, com entrevista e observação livre, em comarcas da Justiça brasileira. Como resultado, encontrou-se uma realidade de falta de organização por parte do Sistema Judicial para priorizar questões envolvendo crianças e adolescentes, como suporte para lidar com implicações de inquirição, ou na discussão para formulação de abordagens que evitem a violência secundária de vítimas de violência sexual.

No estudo feito por Shuster (2015) foi objetivo compreender os sentidos sobre violência contra crianças e adolescentes, atribuídas por psicólogas que trabalham na secretaria municipal de saúde de Goiânia. Para essa pesquisa, usou-se documentos de domínio público bem como entrevistas. Foram realizadas 6 entrevistas com profissionais psicólogas de diferentes distritos sanitários, somando no total 28 psicólogas. O resultado obtido apontou que as profissionais compreendem a violência em caráter multifacetado e multicausal, porém que essa compreensão não tem sido o suficiente para a notificação. Também é possível identificar capacitações irregulares, não contínuas, ou seja, existe a capacitação dessas profissionais, mas não são feitas de maneira contínua o que prejudica o êxito na qualificação e na efetivação das políticas públicas.

CONCLUSÃO

Dentre todos os tipos de violência abordados nos trabalhos dessa revisão, foi percebida uma incidência dessas violências dentro do contexto familiar. Lugarinho cita a importância da família no desenvolvimento saudável de seus membros além da função básica da família que é apoio e proteção. Logo, é nítido o quanto a violência por parte de quem deveria os amar e proteger é um importante fator que desencadeia sérias consequências para o desenvolvimento mental de crianças e adolescentes e sua forma de ver o mundo (Lugarinho, 2015, p.19).

O abuso sexual intrafamiliar foi apontado como a forma mais frequente de violência sexual que é um dos tipos de violência que mais ocorrem, juntamente com a violência física e psicológica. Carvalho aponta uma predominância desse tipo de violência contra o sexo feminino e considera uma explicação a esse fator, a posição inferior em que a mulher foi inserida na sociedade. Em revisão sistemática, apontam vários outros trabalhos que tiveram esse mesmo resultado da predominância do sexo feminino como vítima (Carvalho, 2010, p.64/154).

Martins também aponta essa relação entre a violência e gênero e obtém o resultado de que há uma predominância como agressor, pais e padrastos (Martins, 2005, p.87). Isso poderia ser explicado pelo fato de que não é apenas o desejo sexual o fato de motivação dos agressores, mas também o fato de que crianças e adolescentes são a categoria dominada. Existe uma relação de hierarquia, de poder por parte dos familiares, uma dominação do gênero masculino sobre o feminino e do mais velho sobre o mais novo (Ribeiro e colaboradores, 2004, p.460).

Colaborando com esses resultados, Herênio afirma que o suicídio está associado principalmente a conflitos na família, abuso sexual e maus tratos, e que existe uma incidência maior de tentativa de suicídio no sexo feminino embora tenham menos êxito, visto que os instrumentos e meios utilizados por homens são mais eficazes (Herênio, 2016, p.15).

Além da violência física, psicológica, moral, sexual, intrafamiliar, vale ressaltar a chamada violência silenciosa, ou seja, aquela que nem se quer chega às autoridades, muita das vezes por medo das vítimas em acusar os seus agressores, principalmente quando eles são responsáveis e mantenedores de suas vidas (Carvalho, 2010, p.32). Ainda sobre o silêncio das vítimas, Martins afirma que o silêncio perdoa o agressor e reforça seu poder sobre a vítima (Martins, 2005, p.33).

A revitimização ou violência secundária abordada no trabalho de Roque e colaboradores faz uma crítica muito relevante ao modo de intervenção do judiciário e ao despreparo dos juízes para realizar a inquirição às vítimas, visto que podem ser vistos como uma violência secundária às vítimas, evidenciando a falha no sistema judiciário. Em uma das entrevistas feitas, um juiz falou sobre a insegurança, o receio que sentem ao falar sobre órgãos genitais e demais assuntos “íntimos” com a criança e adolescente, que não sabe qual a didática correta que se deve utilizar (Roque, Carlos e Gomes, 2014, p.807). Um trabalho que abre portas para pesquisas de possíveis intervenções na didática do judiciário para a realização da inquirição sem prejuízos a saúde das vítimas.

Com a revisão sistemática de todos os trabalhos mencionados, ficou nítido a relação da violência com os problemas de saúde mental, bem como a vulnerabilidade para violências posteriores, tornando-se um ciclo vicioso. A análise destes trabalhos também possibilitou por um lado verificar que poucos estudos no Estado de Goiás cuidam do tema evidenciando a falta de pesquisas e estudos com essa temática, o que limitou o estudo. Nenhum estudo foi encontrado na cidade de Anápolis. Por outro lado, ficou evidente a necessidade e a importância de estudos sobre a vitimização e revitimização, visto os danos irreparáveis no futuro das vítimas e da população em geral, já que afeta de certa forma, toda a sociedade.

Sugere-se novas pesquisas sobre o tema como, por exemplo, com famílias que obtiveram acompanhamento psicológico, sobre a eficácia na disponibilização de psicólogos nas instituições de ensino para a identificação e acompanhamento de alunos que sofrem ou sofreram algum tipo de violência. Sugere-se ainda pesquisas em instituições em que é ensinado os direitos garantidos pela Constituição Federal e Estatuto da criança e do adolescente a estes, possibilitando analisar se ao adquirir o devido conhecimento sobre seus direitos, as vítimas se sentem mais seguras ao denunciar, bem como pesquisas que analisem processos judiciais que envolvam violência contra crianças e adolescentes a fim de verificar a eficácia da lei na punição dos agressores.

REFERÊNCIAS

CARAVIERI, Lígia Maria Vezzano; AVOGLIA, Hilda Rosa Capelão. A rede social e assistencial e a garantia de direitos: proteção ou (re)vitimização? *Psicólogo Informação*, [s.l.], v. 20, n. 20, p.99-112, 2016. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-0969/pi.v20n20p99-112>.

CARVALHO, Helena Maria Barbosa. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes na região metropolitana de Fortaleza*. 2010. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Pública, Epidemiologia, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CERQUEIRA, Fernanda dos Santos. *Avaliação funcional da violência em uma escola municipal de Goiânia/GO*. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de; ZANINI, Daniela Sacramento. Incidences and Occurrences of Future Types of Victimization in Adolescents. *Psychology (Irvine)*, v. 06, p. 1249-1254, 2015.

FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de. *Polivitimização e revitimização em adolescentes: avaliação e consequências para a saúde mental*. 2015. 94 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

HERÊNIO, Alexandre Castelo Branco. *Autoextermínio na Adolescência: Um Estudo Sobre Ideação, Tentativa e Suicídio entre Adolescentes da Cidade de Goiânia*. 2016. 61 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

LUGARINHO, Leonardo Planel. *Violência familiar e estresse: um estudo sobre cortisol em adolescentes escolares em um município do estado do Rio de Janeiro*. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Pública, – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINHO, Lidiane de Oliveira Passarinho. *Violência Sexual contra Adolescentes e sua Relação com outras Violências*. 2016. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

MARTINS, Camilla Soccio. *A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes*. 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

MOHN, Laryssa Nunes. *Percepção de violência e enfrentamento de adolescentes vitimizados*. 2016. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

RIBEIRO, Márcia Aparecida et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. *Cad Saúde Pública*, Rio de Janeiro, p.456-464, 2004. Mensal.

ROQUE, Eliana Mendes de Souza Teixeira et al. Sistemas de justiça e a vitimização secundária de crianças e ou adolescentes acometidas de violência sexual intrafamiliar. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 3, p.801-813, 2014. Anual. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014000300006>.

SCHUSTER, Lucinéia. *Repertórios e Sentidos sobre a notificação compulsória de casos de violência contra crianças e adolescentes no município de Goiânia - Goiás*. 2015. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Familiar Face: violence in the lives of children and adolescents*, 2017.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil*, Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2015.